

O Messianismo em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*

Cecília Gonçalves Lopes¹

Messianismo: crença divina na chegada de uma personalidade, um messias, ou de um evento, capaz de redimir pessoas e resolver problemas. No Brasil, houve alguns casos de tendências messiânicas, tais como Canudos (e Antônio Conselheiro), o Contestado (um grupo liderado por monges, surgido em 1912), o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (no Ceará, sob a liderança do beato José Lourenço). Em Portugal, lembramo-nos facilmente do Sebastianismo, no século XVI.

Quando nos voltamos para a literatura portuguesa, temos *O Quinto Império*, do padre Antônio Vieira, e mesmo *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Já no cinema, e no cinema brasileiro em especial, temos um dos filmes mais importantes da nossa história: *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

Segundo longa-metragem do cineasta baiano Glauber Rocha, falecido em 1981, *Deus e o Diabo*, de 1963, é, até hoje, considerado, por conta de sua estética e de suas ideias, um dos melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

E por que isso? Sobre o que fala *Deus e o Diabo*?

Deus e o Diabo aparece em meio a um grupo de jovens cineastas que, como dizia Glauber Rocha, tinham uma ideia na cabeça e uma câmera na mão. Não possuíam muitos recursos financeiros e viam o cinema como uma forma de expressar sua maneira de pensar, como algo que era o resultado do trabalho de um grupo de pessoas. Assim, por exemplo, a fotografia do Cinema Novo não existia apenas para que fossem seguidas regras de captação de luz.

1. **Cecília Gonçalves Lopes**

Mestrado em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas / USP, Brasil/

A fotografia em *Deus e o Diabo* é companheira do tema apresentado. O sertão não é embelezado, não está ali para enganar ou fingir ser o que não é. Não é idealizado.

A história? O filme narra alguns acontecimentos na vida do sertanejo Manuel e de sua esposa, Rosa, vividos por Geraldo Del Rey e Ioná Magalhães. Os dois vivem no sertão do país, terra marcada pela seca. Um dia, Manuel tenta vender seu pequeno gado para o coronel a fim de, com o lucro, comprar um pedaço de terra. No caminho até a fazenda, algumas cabeças morrem e o coronel afirma que esses animais que não haviam resistido à viagem pertenciam a Manuel. Vendo-se enganado e injustiçado, Manuel o mata.

Dessa maneira, sua história de fuga começa. Acompanhado da mulher, Manuel quer escapar da prisão e, principalmente, da miséria, de uma vida de sofrimentos. Em um primeiro momento, tenta fazer isso por meio de um messias, Sebastião, líder religioso de um grupo que lutava contra grandes latifundiários e que buscava o paraíso após a morte. Em um segundo momento, Manuel busca ajuda por meio da violência desordenada – ele se junta a Corisco, cangaceiro que, a sua maneira, também tenta escapar de um sistema de opressão.

Entretanto, apenas quando realmente abre os olhos Manuel percebe que o bem ou o mal, os fanáticos ou os homens fora-da-lei não resolvem e não vão resolver sua questão. Somente ele mesmo, o homem, em face da realidade concreta, consegue resolver seus problemas. É quando, em *Deus e o Diabo*, ele corre e faz algo sozinho, alcançando o mar tão longamente prometido.

O Messianismo

Glauber Rocha, nascido na Bahia, conhecia, de alguma forma, a realidade apresentada em *Deus e o Diabo*. Ouviu muitas histórias envolvendo jagunços, cangaceiros e beatos, sabia das motivações que levavam essas pessoas, assim como tantas outras, a seguir caminhos heterodoxos para tentar alterar a realidade existente: a estrutura econômica

baseada no latifúndio, por exemplo, pode ser indicada como um importante elemento que contribuiu para o surgimento dos cangaceiros.

Segundo Raul Facó, em *Cangaceiros e Fanáticos*, a existência desses criminosos era um produto justamente do atraso econômico nacional, engendrado pelo monopólio da terra e pelo sistema escravista como forma predominante de mão-de-obra. O trabalhador rural e o pequeno produtor estavam sujeitos à expropriação e à exploração, vivendo sob condições miseráveis e desprovidos de qualquer direito, à mercê da vontade do grande proprietário. É o caso de Manuel e de Rosa.

Na tentativa de melhorar sua situação, muitos acabavam partindo para o banditismo ou para a devoção a alguém que dizia e fazia o que estava em sintonia com os problemas enfrentados – surgia, então, um grupo messiânico.

Não fosse a realidade motivo suficiente para se buscar mudanças, outro fator que pode ser apontado como uma das razões que faziam com que o sertanejo procurasse alternativas eram as condições ambientais desfavoráveis da região, marcada pelas estiagens periódicas, muitas vezes longas, que intensificavam a miséria e a fome.

Deus e o Diabo mostra essas duas formas de tentativa de mudança: o cangaceiro, Corisco, rebelde que tenta sair da miséria por meio da violência desordenada e Sebastião, o rebelde metafísico.

Dessa forma, rebelde anarquista ou rebelde metafísico, o objetivo é o mesmo: fugir da exploração. O messianismo, como já dissemos, é um movimento ou sistema ideológico que prega a salvação da humanidade através da entronização de um messias que pode ser um indivíduo, uma classe ou uma ideia. Sebastião, mistura de duas figuras que realmente existiram – Lourenço do Caldeirão, no Ceará, e Sebastião, de Pedra



Bonita, em Pernambuco -, aparece aos sertanejos mais pobres, em estado de penúria, sofrendo com a fome e o desamparo do poder público.

De acordo com Douglas Teixeira Monteiro, em *Um Confronto Entre Juazeiro, Canudos e o Contestado*, na segunda metade do século XIX houve, por um lado, uma grave crise no sertão nordestino e, por outro, um estímulo do Vaticano a um renascimento da fé católica, com o apoio institucional da Igreja: vários leigos eram levados a aproximar-se mais da religião e, dentro dos rudimentos de sua capacidade de compreensão, assim como daquela gente simples a quem se dirigiam, a mensagem evangélica era retransmitida.

Nesse contexto surgiram os mais diversos pregadores, dentre os quais Antônio Vicente Mendes Maciel, o "Conselheiro", "um gnóstico bronco", "um heresiarca do século II em plena idade moderna", "um monstro", segundo Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Um homem do povo que, falando na língua do povo, dizia o que o povo queria e precisava ouvir e fazia o possível para suplantar o caos em seu tempo pelo menos até onde chegava sua esfera de influência.

Formado o grupo de fiéis em torno do novo messias, eles passavam a sentir-se perseguidos pelas autoridades a quem consideravam como o Anticristo ou a serviço do próprio demônio. Refugiavam-se em algum lugar e preparavam-se para resistir ao Mal. Ali se daria a batalha final. Não se importavam em morrer porque o messias lhes garantia vida eterna caso fossem atingidos.

Rosa, em *Deus e o Diabo*, é quem percebe o fanatismo. Seu marido, Manuel, se entrega à devoção a Sebastião, e é capaz de cumprir tarefas por ele exigidas, tais como o sacrifício de um inocente.

A mulher, aqui entendida como a razão, é quem mata Sebastião. Ele era perseguido por Antonio das Mortes, que havia sido contratado pelos latifundiários, mas morre nas mãos de alguém que conseguiu perceber os exageros do fanatismo, que viu que esse fanatismo podia levar a uma completa deturpação da justiça.

O filme já tentava mostrar essa confusão de idéias: Deus e o diabo, bondade e maldade em um mesmo lugar (tanto que a voz do beato, Sebastião, é feita por Othon Bastos, o Corisco). O objetivo de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* é desmistificar, destruir a cegueira do messianismo, que se apresenta como ameaça (mesmo que involuntária) ao poder político, militar e religioso, uma possibilidade de transformação do *status quo* do Nordeste brasileiro.

Há quem diga que, na cena final, quando Rosa fica no meio do caminho e apenas Manuel chega ao mar – a antiga profecia de Antonio Conselheiro, de que o sertão ia virar mar -, represente o fato de que apenas aquele que acredita em alguma coisa é capaz de alcançar seu objetivo. Mas a canção final do filme deixa claro: a terra não é de Deus nem do Diabo, mas sim do homem. Quem chega ao mar não é necessariamente Manuel, mas nós mesmos: o mar é uma abertura de tudo que aquilo pode significar, inclusive explosão revolucionária.

Vale a pena assistir a *Deus e o Diabo*. Trata-se de um filme com roupagem realista, não de um filme realista. É uma alegoria, possui um tom de história ouvida, em que o narrador faz várias elipses muito rápidas. E dentro de uma alegoria, de uma fábula, tudo é permitido. Não devemos, portanto, analisar Corisco ou Sebastião como pessoas, mas como alegorias, como figuras míticas, figuras fundamentais de uma época e de uma estrutura social.



E devemos nos lembrar, ainda, de que Glauber Rocha, para criar sua narrativa, valeu-se, sim, de Euclides da Cunha mas, principalmente, de João Guimarães Rosa – *Deus e o Diabo* não possui uma narrativa descritiva, mas é uma tentativa de expor a própria emoção ou sensação das personagens em momentos concretos.

Artigo recebido em 19/12/2010

Aceito para publicação em 22/12/2010

LOPES, Cecília Gonçalves. O Messianismo em Deus e o Diabo na Terra do Sol. Revista Paidéi@. UNIMES VIRTUAL, Vol.2. Número 4, Dez. 2010. Disponível em <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em __/__/__